

O FENÔMENO GLOBAL
E O IMPACTO DOS
MOVIMENTOS FEMINISTAS

Coleção Relações Internacionais e Globalização, 52

Renata Guimarães Reynaldo

O FENÔMENO GLOBAL
E O IMPACTO DOS
MOVIMENTOS FEMINISTAS:
As Lutas das Mulheres no Mundo



Editora UNIJUI

Ijuí
2015

© 2015, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil
Fone: (0__55) 3332-0217
Fax: (0__55) 3332-0216
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Alexandre Sadi Dallepiane

Imagem odeteana: DAOLIVEIRA

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

R459f

Reynaldo, Renata Guimarães.

O fenômeno global e o impacto dos movimentos feministas:
as lutas das mulheres no mundo / Renata Guimarães. – Ijuí :
Ed. Unijuí, 2015. – 192 p. – (Coleção Relações Internacionais e
Globalização ; 52).

ISBN 978-85-419-0174-1

1. Globalização. 2. Economia neoliberal. 3. Feminismo. I. Título.
II. Título: A luta das mulheres no mundo. III. Série.

CDU : 339

396

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



A Coleção *Relações Internacionais e Globalização* é uma iniciativa da Editora Unijuí, direcionada à publicação de textos que privilegiem a abordagem interdisciplinar dos diversos aspectos que envolvem as relações internacionais. O objetivo da coleção é colocar à disposição dos leitores interessados um conjunto de obras que contribuam para a qualificação do debate sobre o tema e ajudem na compreensão das transformações do mundo atual.

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Jorge Ramalho da Rocha (UNB – Brasil)
Argemiro Luís Brum (Unijuí – Brasil)
Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca – Itália)
Doglas Cesar Lucas (Unijuí – Brasil)
Eduardo Biacchi Gomes (PUC/PR e Unibrasil – Brasil)
Francesco Leita (Universidade de Pádua – Itália)
Gabriele Orcalli (Universidade de Pádua – Itália)
Gigliola Landucci (Universidade de Pádua – Itália)
Gilmar Antonio Bedin (Unijuí – Brasil)
Isaac Maidana (Ministério das Relações Exteriores – Bolívia)
Isabel Vaz (UFMG – Brasil)
José Manuel Pureza (Universidade de Coimbra – Portugal)
Luis Humberto Villwock (Unisinós – Brasil)
Luiz Antônio Pinazza (FGV – Brasil)
Marcel Marloie (Inra – França)
Marcos Sawaya Jank (Icône – Brasil)
Mauro de Rezende Lopes (FGV – Brasil)
Odete Maria de Oliveira (UFSC – Brasil)
Rafael A. Duarte Villa (USP – Brasil)
Raimundo Batista dos Santos Junior (Ufpi – Brasil)
Rene Mauget (Essec – Imia – França)
Rui Moura Ramos (Universidade de Coimbra – Portugal)
Shiguenoli Miyamoto (Unicamp – Brasil)
Sidney Guerra (UFRJ – Brasil)
Valeriano Mendes Ferreira Costa (Unicamp – Brasil)
Wagner de Menezes (USP/SP – Brasil)
Wladimir Brito (Universidade do Minho – Portugal)

COMITÊ EDITORIAL

Argemiro Luís Brum (Unijuí – Brasil)
Gilmar Antonio Bedin (Unijuí – Brasil) – Coordenador
Odete Maria de Oliveira (UFSC – Brasil)
Arno Dal Ri Júnior (Fondazione Cassamarca – Itália)
Raimundo Batista dos Santos Junior (Ufpi – Brasil)

*Ao meu pai, Maurício Rocha Reynaldo,
à minha mãe, Maria Cirlene Guimarães Reynaldo,
e ao meu irmão, Maurício Guimarães Reynaldo
— os três pilares da minha existência.*

*Isso é que caracteriza fundamentalmente a mulher:
ela é o Outro dentro de uma totalidade
cujos dois termos são necessários um ao outro.*

(Simone de Beauvoir)

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 — O FENÔMENO GLOBAL E A GLOBALIZAÇÃO HEGEMÔNICA	25
UM MUNDO GLOBALIZADO	28
Globalizações e Desglobalizações — as Ondas e os Processos Globais	28
A Contextualização do Processo Globalizante Contemporâneo	32
Delineamentos Conceituais	35
Particularidades do Fenômeno	39
MODELO ECONÔMICO NEOLIBERAL E O CONSENSO DE WASHINGTON	51
GLOBALIZAÇÃO HEGEMÔNICA E SEUS EFEITOS	57
Consequências Sociais	62
Consequências Políticas	67
Consequências Culturais	72

CAPÍTULO 2 — OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A GLOBALIZAÇÃO HEGEMÔNICA.....	77
As Consequências sociais e trabalhistas da Globalização Hegemônica para as mulheres na esfera transnacional.....	81
Exploração da Mão de Obra Feminina Manufatureira	84
Contradeografias da Globalização	93
Consequências culturais da globalização hegemônica para as questões de gênero.....	110
 CAPÍTULO 3 — OS MOVIMENTOS FEMINISTAS E A EFETIVAÇÃO DO MOVIMENTO PELA JUSTIÇA GLOBAL.....	 117
O MOVIMENTO PELA JUSTIÇA GLOBAL	119
A Resistência Feminista e sua Ação Coletiva Transnacional	129
Movimentos Feministas: Histórico e Conceito	129
Gênero e Feminismo	136
Movimentos Feministas de Segunda Onda — a Concepção de Nancy Fraser.....	141
A Contribuição dos Movimentos Feministas para a Consolidação do movimento pela justiça global.....	151
A Conscientização Feminina.....	152
Influência nas Instituições Internacionais.....	157
Interseccionalidade das Lutas.....	168
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	 175
 REFERÊNCIAS	 179

PREFÁCIO

A presente obra, a qual tenho a mais grata honra de prefaciá-la, de autoria de Renata Guimarães Reynaldo, materializa a publicação de sua dissertação de Mestrado em Direito, área de Relações Internacionais, com o título *O Fenômeno Global e o Impacto dos Movimentos Feministas: As Lutas das Mulheres no Mundo*, defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis (SC), tendo tido a especial satisfação de ser sua professora, orientadora e membro da Banca de Defesa e Avaliação.

A estudiosa autora do presente livro delimitou o objeto de conhecimento de seu trabalho dissertativo em dois distintos universos de pesquisa — o fenômeno global e o feminismo —, com destacada propriedade e segurança, ocupando-se então em realizar de incansáveis investigações.

Fixando-se em questões contemporâneas, de um lado, passou a se preocupar com efeitos da globalização hegemônica ou de cima e, de outro, a abordar a arquitetura de resistência da globalização contra-hegemônica ou de baixo. Nesse sentido, ateu-se em focalizar a contribuição do novo movimento feminista de segunda onda e seu marco de força no fenômeno da transnacionalização — tecnologia informacional em rede —, além de se ocupar também com a pertinente temática de gênero como categoria de análise, abarcando, no final, a importância da interseccionalidade das lutas feministas conduzidas nessa direção.

Bem assim e dessa forma ousada, revelando grande criatividade e sensibilidade para tratar de temas tão complexos e atuais — como os processos globais e gênero —, a autora passou a analisar o contraponto entre efeitos do processo de globalização econômica neoliberal e a resistência do

movimento antiglobalização, nesta obra focalizado como Movimento de Justiça Global, sob o viés das lutas e marchas das mulheres no mundo e a lamentável situação de real subordinação, opressão e violência que as afetam — consideradas minorias — em favor da efetivação dos direitos humanos e, em especial, de seus direitos sociolaborais.

Com efeito, historicamente observa-se que a luta das mulheres em torno de seus direitos encontra ecos e registros desde tempos mais antigos. Constatase, ainda, que a questão de gênero foi ignorada por décadas no âmbito do conhecimento das Relações Internacionais.

Autoras pioneiras e visionárias — Cynthia Enloe, J. Ann Tickner e Jean Berke Elstain — ousaram finalmente romper essa pesada barreira de silêncio e que omitia a inserção das mulheres no campo desse conhecimento. Para tanto, buscaram tornar visível o invisível, revelar o oculto, apontar as injustiças com clareza, rejeitar padrões aceitos como dogmas, no sentido de obter aproximação e inclusão feminina na disciplina de Relações Internacionais.

Na década de 80 do século 20, adotando tais premissas em estudos e pesquisa, autoras feministas passaram a examinar mais de perto a apontada realidade dessa marginalização, então indagando: Que papel as mulheres desempenham no âmbito político das Relações Internacionais? Nesse sentido, questionavam: Por que as possibilidades de inserção nesse conhecimento foram a elas negadas? Como as concepções de feminino e masculino expressam-se na esfera desse saber? Por que o gênero é banido no campo dessa disciplina?

Na continuidade, suas observações aprofundaram-se com indagações ainda mais perspicazes: O que é o poder? Como manifesta-se no campo fechado e complexo das Relações Internacionais? Quem o exerce? Quem controla quem? Por que as relações de poder entre o feminino e o masculino são tão desiguais? Por que as mulheres foram impedidas de exercer os direitos de igualdade e de empoderamento?

Dessa forma considerando: O que fazer e como fazer frente a tanta exclusão? Como identificar as múltiplas facetas do poder no âmbito das Relações Internacionais e como mitigar os seus abusos no mundo real? Como mudar tão estranha e complexa ordem de solidificados mandamentos?

Na década de 90, cientes de que gênero fora totalmente banido da disciplina de Relações Internacionais, as autoras feministas retornaram decididas à luta, assim ponderando: necessário abrir caminhos à transcendência de igualdade entre o feminino e o masculino e não mais permitir a deplorável realidade de privilegiar somente os homens, em detrimentos e exclusão das mulheres do âmbito das Relações Internacionais. Para isso acontecer, enfatizava Cynthia Enloe,¹ necessário virar as escadas, invertendo-se a ordem de seu topo.

Como impedir que a marginalidade permaneça margem e que mudos permaneçam os silêncios, perguntava com seriedade Enloe? Quem constrói o conhecimento no campo das Relações Internacionais? De que forma é ali construído e aplicado?²

A teoria de gênero deveria inserir-se e atuar no campo da citada disciplina, podendo aí dialogar e contribuir sobre assuntos relevantes da realidade contemporânea, identificar-se como categoria de análise relacional desse recente conhecimento.

Vencendo degrau por degrau, finalmente no século 21 o movimento feminista — tendo de tal forma evoluído e se consolidado — conseguiu enfim a almejada vitória de inclusão no âmbito do poder político das Relações Internacionais.

¹ Ver: Enloe, Cynthia. Margens, silêncios e degraus inferiores: como superar a subestimação do poder no estudo das Relações Internacionais. In: Oliveira, Odete Maria de (Org.). *Relações Internacionais: a questão de gênero*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011, p. 259-284.

² Ver importante obra dessa notável feminista: Enloe, Cynthia. *Bananas, Beaches and Bases*. California: University of California Press, 1989.

Para que gênero fosse aceito nessa disciplina, precisou desenvolver, contudo, suas próprias teorias e construir metodologia feminista autônoma, além de ser finalmente reconhecido pelos demais conhecimentos.

Entender como as interações de gênero ocorrem na esfera densa e complexa desse conhecimento de poder, com certeza, não constitui tarefa fácil. Nesse sentido, fazia-se necessário não somente a construção de teorias feministas, mas também de métodos próprios, que iriam dar sustentação aos aportes teórico-epistemológicos dessa decidida pretensão.

As autoras feministas, nesse sentido, empenharam-se com forte afincamento e singular esmero no desenvolvimento de abrangente acervo teórico e metodológico, cujo resultado de suas inúmeras publicações ficou conhecido como um momento de verdadeira efervescência.

O entendimento — ver e sentir a sociedade contemporânea e seus problemas e a partir daí analisar empiricamente a complexidade de seus fluxos internacionais e globais — fez surgir o desenvolvimento do método — *feminist-informed* — abrangendo um conjunto de perguntas, indagando por determinados tipos de relacionamentos e seus limites,³ entre outras importantes variáveis.

As teorias críticas feministas positivam-se em torno de análises desconstrutivas, usam instrumentos de autorreflexividade, ocupam-se em transformar as estruturas realistas do poder masculinizado, buscando mudar o que deve ser mudado e transformar o hierarquizado paradigma dominante de poder, por meio de novos conceitos abertos, flexíveis e humanistas, atuando dessa forma ao lado dos atores estatais e não estatais, demais instituições, organismos e entidades.⁴

³ Ver para essa questão teórica e metodológica: Acherly, Brooke; Stern, Maria; True, Jacqui (Eds.). *Methodologies for International Relations*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

⁴ Sobre o poder e gênero, ver: Elshin, Jean Benhke. *Women and War*. New York: Basic Books, 1987.

Nesse horizonte e como fenômeno de conhecimento, gênero firma-se na luta feminista, buscando assegurar o reconhecimento da emancipação da mulher e a garantia dos seus direitos, tendo como objeto de investigação a realidade fenomenológica da sociedade contemporânea, de um lado e, de outro, a construção epistemológica feminista, configurada em valores universais, filosofias mais humanas, construção de uma cultura da paz, aproximação e de diálogo, valorização de seus conhecimentos e contribuições, firmadas em políticas comuns de unidade e identidade, tanto femininas quanto masculinas.

O que se entende, enfim, por gênero?⁵ Apresentando-se em dimensão ampla, conforma-se como categoria social e cultural e que constrói diferenças entre homens e mulheres e as significações que são dadas para as diferenças biológicas entre os corpos humanos, cuja interpretação poderá implicar também diferenças sexuais, entre outras.

Gênero, desse modo, não trata de divisão binária, tampouco primária, em termos de sexo masculino e feminino. A diferença encontra-se inscrita no monopólio do exercício e manutenção do poder masculinizado, evoluindo com virilidade ao longo dos séculos e suas diferentes sociedades — sociedade sucedendo sociedade —, nas quais foram formando-se um conjunto de predicados e solidariedades viris em favor dos homens, excluindo as mulheres.

Trata-se de processo histórico e que veio alicerçando raízes de forma profunda, assim cimentando-se e se mantendo estável, mais recentemente integrando-se na esfera de conhecimentos das Relações Internacionais e seu universo configurado anarquicamente pelas centralidades e hierarquias estatais, em que apenas o masculino participa e domina, banindo desse âmbito fechado as mulheres, operando-se aí e dessa forma a sua total marginalização.

⁵ Ver nesse sentido conceitual: Steans, Jill. *Gender and International Relations: an introduction*. Cambridge; Great Britain: Polity Press, 1998.

Gênero abrange contexto fenomenológico de dimensão ampla, não podendo ser confundido com o feminismo — antigo movimento de lutas das mulheres em busca de seus direitos. Na construção de seu denso núcleo definidor, não só configuram-se mulheres, os homens também fazem parte do critério dessa concepção, firmando-se como categoria socialmente construída, sujeita à mudança histórica.

Em suma, não se tratando de uma questão biológica entre homens e mulheres, mas encontrando-se ligada às identidades das mulheres, abrange igualmente a dos homens. Como bem anota e com muita sabedoria J. Ann Tickner: gênero trata de homens e de mulheres,⁶ por derradeiro observando Reynaldo, enquanto o sexo leva a marca da biologia, gênero traz a da cultura, além de focalizar a grande desigualdade que paira entre homens e mulheres.

Enfim, se de um lado gênero surge da necessidade de explicar essas desigualdades, como esclarece a autora Renata Guimarães Reynaldo, de outro conforma-se ao dar sentido social e cultural às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, buscando compreender psicologicamente como feminino e masculino agem entre si, estimulando suas mútuas relações e construções comuns.

Os tempos atuais são outros. A sociedade e sua realidade são outras também. As mulheres começaram a virar escadas, invertendo-se os papéis. Passaram a conquistar espaços nos cenários e protagonismos das Relações Internacionais, em especial no âmbito das políticas e gestões públicas, diplomacia, questões de segurança, direitos humanos das mulheres,⁷ entre

⁶ Ver: Tickner, J. Ann. *Gender in International Relations: feminist perspective on achieving global security*. New York: Columbia University Press, 1992.

⁷ Ver sobre esses direitos em: Da Silva, Andréia Rosenir. *A construção de gênero no âmbito das Relações Internacionais: direitos humanos das mulheres e a necessidade de instrumentos eficazes a sua consolidação*. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, 2013.

outros, para isso demonstrando capacidade e habilidade, firmeza e poder na direção de influenciar nas decisões da ordem internacional, na qualidade de emergente e destacado ator não estatal.⁸

Este livro, ora publicado, circunscreve-se em torno de três distintos capítulos, pilares que irão sustentar todo o edifício da elaboração da obra. No momento primeiro ou de fundamentação — arcabouço teórico disciplinador da pesquisa —, servindo de necessário embasamento e condução à realização do estudo como unidade, Renata Guimarães Reynaldo aborda o tema do fenômeno global e da globalização hegemônica, oferecendo ao leitor interessante e bem ilustrativo panorama dessas questões, abarcando-as desde sua emergência histórica — tempos remotos — vinculando-se com as tendências intrínsecas do homem, de sempre buscar e mais buscar — o global, o todo, o único — transpor o seu próprio limite, superando-se a si mesmo e, enfim, poder transcender...

A gênese do fenômeno global curiosamente encontra-se vinculada a tendências transcendentais do próprio *humano e sua humanitatis*, nos desejos inquietantes e ideias utópicas do deslocar muito além de seu entorno, aventurar-se em direção ao inexplorado, conquistar o desconhecido, dominar o espaço real e virtual deste e de outros planetas. Buscar, desse modo, a construção de uma sociedade global, um Estado universal e de único e comum idioma, intento jamais realizado em sua evolução histórica não linear.

Tal ímpeto de poder visionário — transpor-transgredir-transformar-transcender — conduziram o homem a ensaiar trajetórias de grandes dimensões, amplos caminhos globalizantes, materializados em diferentes processos globais interligados. Nesse transportar-se muito além dos horizontes, projetou-se no homem-histórico, tornando-se o cosmopolita da aldeia global, identificando-se no denominado homem-mundo.

⁸ Ver sobre essa questão em: Oliveira, Odete Maria de; Da Silva, Andréia, Rosenir. Gênero como possível ator das Relações Internacionais. In: Oliveira, Odete Maria de (Org.). *Relações Internacionais: a questão de gênero*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. p. 23-82.

Tais processos propagaram-se na forma de ondas — avanços e retrocessos — logo, de continuidades e descontinuidades. Os fluxos de avanço ocorrendo em tempos de inovação, prosperidade e paz; já os de retrocesso, próprios dos momentos de crise, conflito e guerra, interrompendo a continuidade da evolução, conformavam casos de desglobalizações, cujos intervalos podem durar séculos, retornando em outros tempos e com outras formas de projeção e objetivo.

Como exemplos, entre outros, podem ser citados os seguintes processos globais: globalização política na antiga Roma, antes de Cristo, das religiões de natureza universal, compreendendo o budismo, o cristianismo e o islamismo, do comércio na Idade Moderna e Contemporânea e finalmente o econômico dos presentes dias, denominado globalização neoliberal, culminando em consequências de exclusão social e cultural, também política e de sua governança. Enfim, originando até o enfraquecimento do próprio Estado, de seus cenários e protagonismos, como bem evidenciado pela nossa estimada mestre, nesta sua notável obra.

Após a elaboração — de forma rica em informações e ilustrações — do primeiro capítulo, infirmado no conjunto de singulares processos globais alternados, inseridos em um *continuum* histórico secular, tanto de continuidades quanto de descontinuidades, Reynaldo adentra no segundo momento de seu estudo, abordando as questões da globalização econômica neoliberal e dos movimentos feministas, demonstrando com dados e evidências efeitos bem negativos que o fenômeno provoca e as péssimas condições laborais e de exploração da mão de obra que abrangem as mulheres no mundo. Focaliza, também nesse espaço, com muita severidade, problemas da denominada contrageografia — migrações e tráfico de mulheres —, questões que se inserem no âmbito de gênero.

Após essas abordagens relacionadas à problemática de análise de sua pesquisa, bem estruturada e com passos firmes, a autora encaminha-se à escrituração do último e definitivo capítulo, e reunindo ânimo e perspicácia prepara-se para responder à indagação inaugural de sua investigação: Os mo-

vimentos feministas contribuem de fato para o reconhecimento dos direitos das mulheres e à efetivação do Movimento de Justiça Global? Com certeza, os leitores ficarão surpresos com os resultados e considerações finais da investigação da jovem pesquisadora, como certo também, que ainda aplaudirão o empenho de Reynaldo em torno da análise final sobre a conscientização feminina no mundo, sua influência nas instituições internacionais, e a interseccionalidade das lutas femininas, como se fosse verdadeira e segura âncora de proa do já sólido movimento feminista de segunda onda e do Movimento de Justiça Global como um todo, ponto de significativo destaque nesta obra.

O presente livro reveste-se de reconhecido mérito e importância, distinguindo-se pela sua clareza e originalidade, constituindo destacada contribuição à Academia brasileira e as suas universidades e aos estudiosos interessados nesses complexos, polêmicos e instigantes assuntos da realidade contemporânea, motivos suficientes para ser recomendado como leitura obrigatória.

Odete Maria de Oliveira

Professora Titular de Relações Internacionais da UFSC (aposentada)
 Titular do Núcleo Stricto Sensu-Mestrado em Direito da Unochapecó
 Pós-Doutora em Estudos Comunitários Europeus pela Universidade
 Complutense de Madrid-Espanha

INTRODUÇÃO

No atual contexto histórico mundial, a globalização, associada a fatores conjunturais como a emergência de uma ampla gama de atores internacionais, fez com que as Relações Internacionais passassem a ser conformadas por uma nova esfera de interações transnacionais, em um mundo crescentemente interdependente. Surgiu assim um panorama global em que os fluxos de capital, as empresas, os movimentos feministas e noções como desigualdade social, cultura e direitos fundamentais, dentre outros, ultrapassaram as antigas barreiras nacionais.

A globalização contemporânea, enquanto rede complexa de diversificados fenômenos, apresenta dimensões econômicas, políticas, sociais, culturais, religiosas e jurídicas, dentre as quais a econômica adquire destaque como processo global contemporâneo. Sendo assim, observa-se atualmente a preeminência de uma denominada *globalização hegemônica*, no entender de Boaventura de Sousa Santos — denominada por Richard Falk globalização de cima ou globalização depredadora —, baseada no modelo neoliberal e marcada pelo predomínio das forças do mercado mundial, seus agentes transnacionais e sua ausência de preocupação quanto às consequências culturais e socioambientais desse processo. Assim a globalização, aliada ao neoliberalismo, fez surgir uma ordem mundial calcada no lucro, na qual as preocupações sociais foram relegadas a segundo plano, sem que regulações surgissem em âmbito estatal, seja por impossibilidade de resolver problemas supra e transnacionais, seja por falta de vontade ou interesse político.

Nesta conjuntura, o papel do Estado mostra-se enfraquecido, surgindo os movimentos de contenção à globalização hegemônica, que se disseminam por todo o mundo em lutas que ultrapassam as fronteiras estatais, represen-

tando a insatisfação e a mobilização dos indivíduos diante de causas comuns. O conjunto destes movimentos constitui o que George Monbiot denomina movimento pela justiça global — a que Santos intitula *globalização contra-hegemônica* e Falk, globalização de baixo.

A partir deste entendimento conclui-se que os movimentos feministas, particularmente os de segunda onda apresentados por Nancy Fraser, por contestarem assim, entre outras formas de subordinação, a posição desvantajosa das mulheres perante os homens decorrente da globalização hegemônica, integram o movimento pela justiça global, representando uma resistência ao modelo de globalização dominante por meio da busca pelas prerrogativas das mulheres.

Este amplo cenário consiste no universo do presente estudo, que apresenta como tema o atual fenômeno global e o feminismo, tendo por objeto analisar a contraposição entre a globalização hegemônica, ou de cima, e o movimento pela justiça global, sob a ótica dos movimentos feministas. A partir daí surge a pergunta que embasa o estudo ora desenvolvido: Os movimentos feministas contribuem, de fato, para o reconhecimento dos direitos das mulheres e a efetivação do movimento pela justiça global?

Figura como objetivo geral desta obra, portanto, investigar se na prática os movimentos feministas obtêm conquistas para as mulheres no combate aos efeitos nocivos da globalização de cima ou depredadora, cooperando assim de forma eficaz para concretizar os objetivos do movimento pela justiça global.

Para fins estruturais, o trabalho se divide em três capítulos, que consistem em momentos distintos e complementares na constituição da pesquisa.

Em um primeiro capítulo estuda-se a origem e contexto do atual processo de globalização em marcha, suas características relevantes à análise, e na sequência a chamada globalização hegemônica e suas consequências perniciosas nos âmbitos social, político e cultural. Cumpre ressaltar, neste ponto, que a globalização hegemônica não apresenta apenas efeitos danosos, uma vez que os próprios desenvolvimentos científicos, tecnológicos e infor-

macionais resultaram em diversos benefícios à humanidade e servem como instrumento à globalização de baixo. Para os fins ora intentados, contudo, serão destacados no capítulo inicial apenas seus efeitos prejudiciais. Este exame preliminar oferece elementos essenciais para se compreender o surgimento e particularidades principais da globalização hegemônica marcada pela preeminência da esfera econômica e baseada nos princípios neoliberais, revelando os interesses e forças a que serve e os impactos nocivos que produz.

Já no segundo capítulo aborda-se as consequências da globalização hegemônica para as mulheres no mundo, destacando-se as sociais-trabalhistas, que expressam o modo negativo como as mulheres foram particularmente afetadas —, cabendo falar em subordinação feminina decorrente da globalização hegemônica —, e as culturais, das quais se depreende que a globalização, mesmo sem ser o intento, acabou por instaurar uma crise no modelo de família baseado na dominação masculina.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, abordar-se-á o movimento pela justiça global, definido como movimento de resistência aos efeitos destrutivos da globalização hegemônica, visando a obter o bem-estar da grande maioria da população, com base em preocupações sociais, culturais e morais. A partir então do quadro conceitual obtido nesta primeira parte do terceiro capítulo, passa-se a focalizar os movimentos feministas, entendidos como integrantes deste movimento pela justiça global, seu histórico, evolução conceitual, função e atuação, enfatizando-se os movimentos feministas de segunda onda, de acordo com a classificação de Nancy Fraser, iniciados na década de 60 do século 20.

Destaca-se que a abordagem dos movimentos feministas centra-se no feminismo contemporâneo ocidental, sem deixar de reconhecer que, dentro deste grupo delimitado e ainda que se tenha optado por usar o termo “feminismo” no singular, são múltiplas as formas como o movimento se desenvolveu e disseminou, assim como são múltiplos também os cenários, percepções e objetivos sobre os quais é construído. Reconhece-se, no entan-

to, que apesar da diversidade, existe um ponto comum entre eles, qual seja, a busca das mulheres pela superação da dominação masculina e das muitas formas de subordinação decorrentes de sociedades patriarcais.

Ainda no terceiro capítulo são apresentadas as conseqüências e conquistas, no mundo globalizado, dos movimentos feministas, enquanto via de acesso das mulheres ao cumprimento de suas reivindicações, para se responder ao questionamento embasador deste estudo, verificando se de fato colaboram na concretização dos propósitos de um movimento pela justiça global.

Estudar a temática dos movimentos feministas não significa apenas abordar a luta pelos direitos de uma “minoría” subordinada, mas a luta por um mundo mais justo no que diz respeito à distribuição, representação e reconhecimento para todos, homens, mulheres, e para aqueles que não se enquadram nessa dicotomia socialmente construída.

Este estudo, distante do propósito de esgotar o tema, busca a compreensão das ferramentas de embate das mulheres e seu impacto diante das novas forças econômicas neoliberais e transnacionais, no caminho para o reconhecimento dos seus direitos em todas as esferas e a prevalência da dignidade sobre o capital, do bem-estar sobre o lucro.

Algumas contribuições foram essenciais para a realização deste trabalho, às quais não posso deixar de fazer referência e prestar reverências. Assim, agradeço imensamente à professora Odete Maria de Oliveira, pelas preciosas lições de teoria e humanidade, por ter acreditado nesta ideia e contribuído de maneira tão decisiva a desenvolvê-la. Agradeço também à minha família, fundamental e sempre presente; aos pequenos amores Enki e Marduk (*in memoriam*), companheiros constantes nas madrugadas de escrita; às amigas e aos amigos, por fazerem a vida valer a pena; e, por fim, a todas as grandes e sábias mulheres construtoras do feminino em mim, fontes de inspiração, especialmente à avó Tarcila Ana Rocha Reynaldo (*in memoriam*).